

M.2R00052

Orlando Villas Boas, cidadão brasileiro, 56 anos. Profissão (não reconhecida): indigenista. Fonte de renda: uma aposentadoria, como funcionário público, de oitocentos cruzeiros. O principal: é bem possível que seja indicado para o Prêmio Nobel da Paz, o que terminaria por fazer justiça a toda uma vida de sacrifícios na defesa do índio que ainda povoa o interior do País. Vida de sacrifícios, como a de Francisco Meirelles, o companheiro de lutas, que morreu esta semana.



Texto de
Maria Lúcia
M. Carneiro



Orlando Villas Boas diante de alguns presentes. Rec ordação de sua convivência com os irmãos índios.

Um lutador romântico para causas perdidas

SÃO PAULO (O GLOBO) — Um ex-presidente da República, uma vez, o comparou a um desses últimos românticos que têm, acima de uma visão social extremamente correta, a generosidade de se dedicar a causas (quase) perdidas. Mas, que imagem romântica tem um homem gordo, desajeitadamente vestido, extrovertido, capaz de — durante horas — contar passagens incríveis que futuramente, farão parte, com menos humor, dos nossos livros de História?

Orlando Villas Boas tem 56 anos, uma mulher e um filho de dois anos. Da declaração de bens, constariam bem poucas coisas: uma casa (emprestada), algumas ações (50% desvalorizadas), um carro pequeno tirado da fábrica a preço de custo.

Uma vez, pediram seu curriculum vitae. Orlando respondeu à Royal Society: "Subdesenvolvido não tem curriculum. Que dados palpáveis semibichos podem encaminhar de forma a ilustrar as páginas da Royal Society? Os nossos grandes feitos foram no campo da gastronomia — macaco cru, onça com açúcar, chá de qualquer folha etc. — coisas que por certo dariam náuseas a Sua Majestade, a Rainha, e a toda Royal Society. Participantes da velha "Roncador-Xingu", fomos — Cláudio, Leonardo e eu — os responsáveis pela vanguarda da expedição no momento que esta, saltando o rio das Mortes, rompia rumo ao Roncador. Lá estavam os xavantes. Não tão terríveis e ferozes como dizem os cronistas. E verdade que por quatro ou cinco vezes tentaram cercar a tropa de burros e, duma feita, fizeram uma enorme mexida com a carga, pondo num monte só o arroz, o feijão, o açúcar, o sal, a banha e tudo mais. Nesta altura já estou fugindo, porque estes dados não são nossos e sim dos xavantes, que deles vão precisar quando Sua Majestade quiser homenageá-los por terem aturado os brancos.

Provavelmente, não seria um curriculum tão breve — mas certamente tão contundente que a Fundação do Prêmio Nobel da Paz (intelectuais de vários países têm indicado o nome de Orlando, e Cláudio Villas Boas) receberia. E, quando finalmente, chegar o prêmio, não se estará homenageando apenas "grandes feitos no campo da gastronomia". Depois de 30 anos de um trabalho eticamente irrepreensível — Orlando, desde que viu o primeiro índio, um xavante, ligou seu destino irremediavelmente à responsabilidade de impedir a destruição de sua civilização — de duas operações de catarata, um ataque de hipoglicemia e um peso que lhe garante reprimendas regulares do médico, ele ainda quer continuar.

As decepções foram muitas. As lutas contra os grileiros que tentavam invadir o território do Parque do Xingu muitas vezes foram compensadas com cortes oficiais nesse mesmo território (a última é bem recente, a reserva destinada aos krain-a-kores não inclui, como ele esperava, as duas margens do rio Poixoto de Azevedo). Mas, se Orlando pensa em aposentadoria é em termos puramente administrativos: livrando-se da função burocrática de administrar o Parque, ele quer voltar às frentes de atração, voltar a contactar tribos ("não pacificar, porque o índio não quer guerra, ele apenas se defende").

Como tudo começou

— Não fosse o Coronel Vanique, o Brasil não teria marchado para o Oeste. Conta-se que a Marcha para o Oeste teria sido uma inspiração de Getúlio, a partir de um discurso do ministro francês Paul Renault. Mas, o que na verdade aconteceu foi um desentendimento entre o coronel e dona Darcy. Entre os dois Getúlio escolheu a mulher. Mas precisou arranjar uma missão à altura do bravo coronel. Como até o Vaticano ele recusou, a maneira foi convencê-lo a um ato heróico: o desbravamento.

Seja o motivo apresentado por Orlando, ou outro qualquer, a Marcha chegou no momento ideal para três irmãos: (de uma família de nove), que passavam as horas lendo "Os Seteões" e ouvindo Cláudio pregar sobre o futuro grandioso que os esperava nos sertões do Brasil. Orlando trabalhava como escriturário da Esso, Leonardo na Nestlé e Cláudio era funcionário da Prefeitura. Alistaram-se os três como analfabetos: queriam livrar-se de qualquer outra função burocrática.

— Ai, lá fomos nós com o Coronel Vanique. Como sempre, decidiu-se fazer uma marcha redentora para salvar o País sem usar os cofres públicos. Tudo deveria ser feito à base de doações. E também como sempre, São Paulo foi o Estado que mais doou. As senhoras paulistas bordaram com as próprias mãos uma bandeira brasileira e, tendo bandeira, a expedição partiu, carregando tudo num vagão cedido pelo Governo do Estado e mais uma preciosa de: sinhazinha Junqueira ofereceu álcool motor, uma quantidade incrível, num tempo de racionamento. O único problema foi que o trem pegou fogo logo no começo. Foi então que a gente percebeu que realmente tudo estava no vagão. Qualquer coisa que a gente pedia estava no vagão queimado. Fazendo as contas, descobri que o vagão era uma coisa fantástica; carregava umas cem toneladas a mais da sua capacidade.

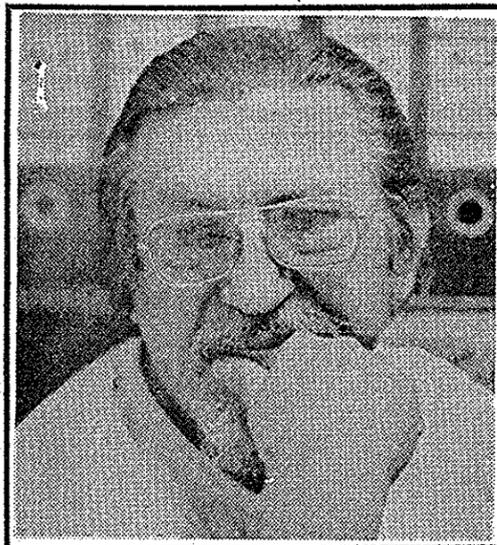
De 1943 a 1946, os irmãos Villas Boas, contam os anos em cima dos campos de pouso construídos (três) e das picadas abertas (500 quilômetros abrindo a mata do Centro do Brasil). A essa altura Orlando já era secretário da expedição e Cláudio e Leonardo, seus auxiliares. Daí em diante os anos são contados a partir das tribos contactadas: em 1946, eles fizeram a atração de sua primeira tribo, a dos Kalapalos.

(continua na página 2)

Orlando Villas Boas e seu filho Vilinha, de dois anos. Para o garoto, Orlando deixará muito pouco de valor material. É um homem pobre. Deixa somente uma imagem de honra.



(continuação da página 1)



Orlando Villas Boas

Um lutador romântico para causas perdidas

Foi aí que o velho Rondon, a primeira pessoa a propor algo parecido com uma política indigenista ("Morrer se for preciso. Matar nunca"), começou a ficar com medo de que alguma coisa acontecesse aos índios. A expedição já tinha alguns pecados nas costas. Já prendera um juiz e um prefeito, sendo que o último foi trancado e a chave da cela jogada fora, numa cidade onde não existia serralheiro — não sei como ele se arrumou para sair. Como o chefe da expedição era um coronel da nata da guarda palaciana sem muitos conhecimentos indigenistas, Rondon resolveu nos nomear Delegados do Conselho.

Na junção do rio Kuluêne com o Ronuro, de onde começa o Xingu, terminou a histórica Marcha para o Oeste, mas não a aventura dos três Villas Boas. Em 1949, Leonardo instalou o posto mais importante da expedição, para cuidar dos índios camairá, aeti, traumá, aurá, me-naico e iacalapiti. Cláudio e Orlando foram à frente. Só se juntaram para abrir o Campo do Cachimbo, que serviria ao Correio Nacional: "Foi um ano quebrando pedra, escapamos de morrer umas quinhentas vezes, passamos meses abandonados, a comida acabando. Tudo isso teve uma recompensa: Getúlio, em 51, nos deu a honra de desfilar conosco diante das altas autoridades que só apareceram para a inauguração.

Sentado no escritório da Funai em São Paulo, Orlando interrompe a conversa com três universitários e dois jornalistas para atender o telefone. Um professor de História espera pacientemente — será o anfitrião de Orlando nessa noite. No telefone, as respostas se prolongam em justificativas. "Não, infelizmente não vai ser possível... Marina está doente e nós não podemos

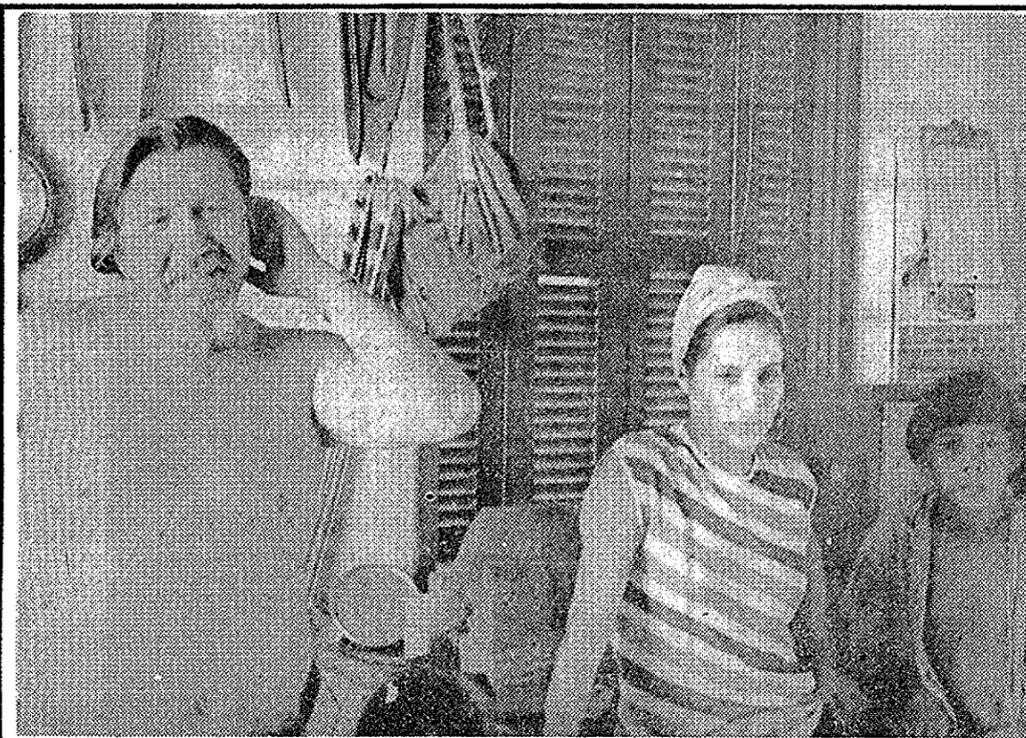
sair. Não faz mal, a gente pode marcar o jantar para outra vez."

Consciente de ter se transformado numa lenda em vida, Orlando carrega o fardo com o máximo de elegância. Seria humanamente impossível atender a todos que o requisitam, mas ele confia na sua capacidade de desarmar as pessoas para evitar ressentimentos. Brincando, ele já fez a média de pessoas atendidas por dia: 30 pessoas, 50 telefonemas, convites para jantares e conferências suficiente para ocupar o resto de suas noites.

— Não sou eu o importante. Aceito tudo isso como coisas positivas, pois representam uma tomada de consciência frente ao problema do índio. Acho uma oportunidade maravilhosa falar para estudantes. Por absoluta falta de tempo passei o assunto para o Alvaro (o irmão que mora em São Paulo, dirige o escritório da Funai e é responsável por algumas reservas indígenas em São Paulo). Foi uma revelação, agora ele tem o "copyright" das conferências em Universidade.

Dos irmãos, Orlando é chamado brincalhonamente de "relações públicas". Ao contrário de Cláudio — calado, muito tímido em reuniões — é expansivo, dono de uma capacidade de expressão difícil de igualar. Ele sabe o quanto esse dom já rendeu em benefícios à sua causa, mas sabe também que a posição de herói — engalanada por uma simpatia irresistível — não o livra de sérias contrariedades.

Nem por serem heróis — ele e Cláudio — deixaram de ficar, várias vezes, abandonados na selva, à espera de aviões que nunca chegavam. Nem de se indispor, quase que invariavelmente, com o Governo Federal quando não propiciava ao Parque, recursos suficientes para suas 15 tribos. Seu trabalho, valorizado por intelectuais do mundo inteiro, que já atraiu visitas importantes para o Brasil (no Parque, Orlando



Orlando Villas Boas, sua mulher Marina, e um curumim. O repouso em um dos postos da Funai. Como constante, a pregação para que os brasileiros conhecessem e procurassem minorar as vicissitudes dos seus patrícios índios.



já recebeu o ex-rei Leopoldo, da Bélgica, Aldous Huxley; para não falar numa fila de etnólogos, antropólogos, sociólogos de renome mundial, foi contestado algumas vezes por outros indigenistas. E pela própria Funai.

Orlando participou de todas as reuniões: a Funai deveria ser a redefinição de quatro séculos de uma política de renegação às raízes brasileiras que se encontram no índio. Através da Funai, se lavariam as manchas deixadas pelo antigo SPI (Serviço de Proteção ao Índio). O Parque — um organismo à parte dentro de uma estrutura confusa, considerado o melhor painel para estudo de civilizações e línguas primitivas — "foi jogado dentro do saco que formaria a Funai". E a Funai resultou, para Orlando, numa decepção.

ENQUANTO nós (Orlando fala sempre deixando explícita a participação de Cláudio) acreditamos que a solução para evitar a destruição imediata do índio é afastá-lo, por enquanto, do contato com o branco, preservando sua cultura, para garantir sua sobrevivência dentro dos valores que ele conhece, outros querem integrá-los. Integrar, historicamente, tem sido um erro grosseiro. O índio não está preparado para competir na nossa sociedade. Eles são tão indefesos que até uma simples gripe pode matá-los. É uma teoria estranha essa que quer transformar o índio em um indivíduo produtivo para a sociedade — assim como transformá-lo num sapateiro. Ora, o índio nunca precisou de sapato, porque vai produzi-lo? Além do mais, é um erro considerá-lo um parasita. Além de ser auto-suficiente, ele é capaz de produzir para vender, como acontece com os índios do Sul.

Quando Orlando se aposentar, terá uma casa — emprestada por um amigo — pintada de azul, com um grande jardim na frente, onde um tanque servirá para as primeiras experiências de Vilinha (Orlando Villas Boas Filho tem dois anos). Mas, não é a tranquilidade da casa num bairro elegante de São Paulo o plano de Orlando, por enquanto. Do mesmo modo que buscou o sertão e se declarou analfabeto, a aposentadoria é apenas uma fuga à burocracia que tenta prendê-lo à rotina de um escritório. Vilinha e Marina voltarão ao Xingu, onde Orlando mais uma vez, fará novos planos — ele espera que a Funai concorde — para a atração de outras tribos arredias (o contato com os canoeiros é o grande sonho).

Concordando com indigenistas que defendem pontos de vista opostos, ele sabe que o índio, como civilização, está prestes a desaparecer ("Nós, Cláudio e eu, também participamos do processo que vai destruí-la.") Sua preocupação — diante da impossibilidade da preservação cultural — é evitar a destruição física: A gente tem de dar ao índio condições de compreender a civilização branca, e isso se faz devagar. Isolando o índio, garante-se o respeito por uma civilização que ainda sabe o que é o equilíbrio, a tranquilidade. Não são apenas os índios que precisam ser preparados para o encontro com os brancos, os brancos é que

precisam ser preparados para o descobrimento de valores que eles já esqueceram há muito tempo.

Os Villas Boas, que perderam Leonardo — considerado por eles o mais despojado — em defesa dos índios, já foram até acusados de crimes contra os índios por um deputado, ou de paternalistas por alguns sociólogos. Os desgostos das críticas são esquecidos no Parque. Para Orlando, "não existe ninguém melhor de se conviver do que o índio: ele é feliz, não tem neuroses, é livre."

O que mais o diverte são as comparações entre o branco e o índio — sempre favoráveis ao índio. Quando uma estudante de Ciências Sociais lhe falou do seu espanto diante da sua coragem de conviver com selvagens, Orlando riu: "Selvagens? Mas eles são educadíssimos. Ninguém mais hospitaleiro que o índio. Ele sabe receber sem cansar o convidado. Depois, ele é naturalmente fino de maneiras. Um índio jamais comete a indignidade de sequer, olhar para a comida. Ele acha que comer é um ato inferior à sua condição de homem. Para se ter uma idéia, um grupo de txucarramã, recém-contratado, foi trazido a São Paulo. Eles participaram de um banquete e, para espanto dos curiosos que pensavam que eles iam atacar a comida e se lambuzar inteiros, usaram corretamente todos os talheres."

É exatamente essa atitude que Orlando teme nos brancos. "Nossa cultura tem a mania de menosprezar as outras. Segundo Lévi-Strauss, é um erro conceituar o indígena como uma civilização primitiva. Ela é uma civilização paralela à nossa, só que uma civilização caminhando para o fim, enquanto a nossa caminha para a explosão." Orlando reconhece, inclusive, que o profundo respeito com que os Villas Boas e outros indigenistas tratam os índios tem resultado em desastres. Acostumados com os indigenistas, eles não resistem a contatos com garimpeiros, frentes de estradas, aventureiros. Ou morre de gripe, sífilis, tuberculose, ou são roubados e expulsos de suas aldeias.

Orlando tem também outra dúvida: até que ponto todas essas influências atuarão sobre Vilinha. Por enquanto, acha ótimo a vida do filho no meio de pessoas saudáveis e inteiras, seus amigos índios. Mas, e se o envolvimento do filho levá-lo pelo mesmo caminho do pai? "Não sei se as reservas, quando Vilinha for adulto, ainda existirão. Não sei, se será bom para ele crescer num mundo prestes a desaparecer. Seria bom, se quando ele crescesse e quisesse, ainda houvesse tempo para fazer alguma coisa pelo índio."

A herança que Orlando deixará a Vilinha será um livro. Junto com Cláudio, ele prepara sua obra definitiva em favor do índio. Um enorme diário — escrito quase que dia a dia, pelos irmãos — documenta todo o trabalho de trinta anos. O estilo irônico de Orlando comentará passagens cómicas (por exemplo, a descoberta surpreendente de que o coração geográfico do Brasil se assenta solenemente sobre um imenso formigueiro), para descrever um quadro amargo. Essa não será a primeira experiência literária dos irmãos, que já têm seu primeiro livro editado: "Xingu, Os Índios, Seus Mitos."